

DESCRIÇÃO

Há várias maneiras de entender a descrição. Na descrição anterior, você viu que pode entendê-la, por exemplo, a partir de seu suporte: a imagem ou a palavra. O painel de Picasso constituía uma descrição **visual** para um acontecimento histórico: o bombardeio de Guernica. E o seu primeiro texto descritivo constituiu uma descrição **verbal** para um objeto visual, que era o painel de Picasso. Em ambos os casos, você pôde perceber que cada uma das formas de descrição utiliza estratégias bastante específicas, que muitas vezes são exclusivas do suporte utilizado. No painel de Picasso, a cor (ou a falta dela) era emblemática; quando você descreveu o quadro, deve ter percebido que não bastava deixar o seu texto em tons de cinza, que você deveria procurar outras maneiras de dizer em palavras aquilo que Picasso disse, no quadro, através da cor. Essas diferenças de suporte acabaram por produzir descrições bastante diferentes dos mesmos objetos. Ninguém diria que a sua descrição da Guernica e a Guernica são uma mesma coisa. A passagem de um suporte para outro (do visual para o verbal) implica sempre perda, transformação, recriação.

No entanto, a perda pode ser reduzida, se o redator, consciente das especificidades do suporte, empreende transformações e recriações compensatórias. Por isso é importante considerar sempre as limitações e os recursos do suporte da descrição. Se as palavras não têm cor, é fundamental descobrir o que pode ser usado em substituição, o que pode ser feito para que o texto, como um todo, permaneça "colorido". Isso nos leva às escolhas que cada de um nós faz quando realiza uma descrição. Quanto mais pensadas e planejadas essas escolhas, melhor será o texto, e menor a perda, e mais fiel a descrição.

O seu segundo texto descritivo deverá levar em conta esses fatores para produzir uma descrição de uma personagem de um filme de cinema. Imagine que uma editora nacional de grande porte está lançando, em romance, alguns clássicos do cinema mundial. A editora já tem o roteiro do filme, os diálogos, mas falta a descrição das personagens, aquilo que nunca é definido explicitamente pelo diretor e pelo ator durante as filmagens. Para compor essas descrições, que serão incorporadas ao roteiro e às falas, a editora lançou um concurso, em várias etapas. A primeira etapa propõe a descrição de um dos maiores clássicos do cinema mundial: *Cidadão Kane*, de Orson Welles, lançado em 1941, nos Estados Unidos. A personagem que deve ser descrita é a de Charles Foster Kane, interpretada pelo próprio Orson Welles. O objetivo da descrição, segundo a editora, "é que você seja capaz de descrever a personagem tão bem como o faz a câmera do diretor". Trata-se, mais uma vez, de traduzir o visual em verbal. Mas perceba que esse visual, diferentemente do painel de Picasso, não é mais uma visual estático. Agora as imagens estão em movimento. O diretor não define a personagem apenas através de uma tomada de câmera, através de um único fotograma; ele a vai construindo aos poucos, ao longo dos 119 minutos de filme. Cada gesto, cada olhar, cada fala da personagem contribuem para a sua caracterização. Você poderia fazer o mesmo, mas não estaria fazendo o que pede a editora. Ela não quer que você reproduza o roteiro e os diálogos (como um romance) — ela já os tem, os originais, que foram obtidos junto à produtora. A editora quer apenas uma descrição, um texto que possa ser incorporado ao que já existe, para que o leitor possa efetivamente "ler" o filme. Esta é, portanto, a sua tarefa: construir um texto não-narrativo que descreva a personagem solicitada.

Algumas dicas

- 1) Dê um título a seu texto;
- 2) Antes de ver o filme, elabore um plano de descrição, projete o seu texto. Pense na descrição de uma personagem como um inquérito policial, formule algumas perguntas, monte um questionário que você deverá ir respondendo enquanto assiste ao filme. Apenas então redija o texto, como se o fosse um dossiê encomendado por um crítico de cinema ou por um historiador da arte;
- 3) Desenvolva efetivamente um texto, e não uma lista de adjetivos imputáveis à personagem;
- 4) Há várias formas de descrever uma pessoa: há o aspecto físico, o aspecto psíquico, o aspecto moral, o aspecto econômico, o aspecto social, o aspecto político, etc. Pense nisso antes de realizar as escolhas que você deve fazer no desenvolvimento do texto;
- 5) Seguem em anexo alguns textos para subsidiar a sua produção;
- 6) O filme pode ser facilmente encontrado nas locadoras de vídeo.

Cidadão Kane
(Citizen Kane, EUA, 1941)
Duração: 119 minutos.
Direção: Orson Welles.

Elenco: Orson Welles, Ray Collins, Agnes Moorehead, Fortunio Bonanova, Alan Ladd, George Coulouris, Erskine Sanford, Everett Sloane, Arthur O'Connell, Harry Shannon, Paul Stewart, Joseph Cotton, Dorothy Comingore, Ruth Warrick, William Alland, Gus Schilling, Philip Van Zandt, Georgia Backus.

DRAMA Logo depois de balbuciar a enigmática palavra Rosebud, o magnata das comunicações conhecido como cidadão Kane morre na solidão do seu palácio Xanadu. É assim que começa um dos maiores clássicos da História do cinema. Welles tinha 25 anos quando lançou o filme que revolucionaria todas as técnicas de filmagem. Deu vários passos à frente do expressionismo alemão de Fritz Lang e inovou na fotografia (em preto-e-branco, de Gregg Toland), trabalhando com o claro-escuro que resultou um show de sombras. Da montagem apurada para marcar a narrativa, como fazia o russo Sergei Eisenstein, Welles foi além e radicalizou numa construção sem linearidade, desarticulando a cronologia. Mais: tirou definitivamente a câmera do chão (travellings contínuos) e escancarou a lente para mostrar (isso mesmo) o teto, coisa inédita em Hollywood. Welles criou o verdadeiro sentido da profundidade de campo no cinema. O filme é baseado na vida do empresário William Randolph Hearst, que chegou a processar Welles. Indicado em nove categorias do Oscar, incluindo melhor filme e direção, levou apenas o de roteiro (Welles e Herman J. Mankiewicz).

Welles, (George) Orson

(1915-85), ator, cineasta e diretor teatral norte-americano. Cidadão Kane (1941), seu primeiro filme, causou grande sensação, graças ao uso inovador do som, da fotografia e da técnica do roteiro, sendo considerado uma das maiores obras de toda a história do cinema. Cidadão Kane não resultou em sucesso financeiro e nunca mais Welles pôde trabalhar em condições tão favoráveis. O filme seguinte, Soberba (1942), foi mutilado pelo estúdio e, quando Welles obteve independência, como em Macbeth (1948), Otelo (1951), O Processo (1963), baseado no romance de Kafka, e Chimes at Midnight (1966), os recursos eram limitados. Atuou em seus próprios filmes e em filmes de outros autores, como em Jane Eyre (1944) e O Terceiro Homem (1949). Continuou sua carreira no palco, tendo atuado em Otelo (1951), de Shakespeare, e na sua própria adaptação de Moby Dick (1955).

<http://cf3.uol.com.br:8000/enciclop>

Orson Welles (1915-1985)

Depois de sua longa-metragem de estréia, "Cidadão Kane", Orson Welles jamais obteve tanto sucesso. O filme é apontado por grande parte dos críticos como o mais importante de todos os tempos. As inovações estilísticas, associadas a uma qualidade técnica impecável, garantiram à obra um lugar de destaque na cinematografia mundial.

Antes de se tornar diretor, porém, foi ator, roteirista e radialista. Numa transmissão radiofônica dramatizada de "A Guerra dos Mundos", de H.G. Wells, Welles provocou pânico na população, que acreditou ser verdadeira a invasão de extraterrestres.

Welles teve problemas para conseguir financiamentos depois de "Cidadão Kane" e teve de deixar muitos projetos inacabados. "Don Quixote", cujo copião foi exibido no Festival de Cannes de 1986, tomou dez anos de filmagens e nunca foi completamente finalizado. Conseguiu completar "Verdades e Mentiras" - uma espécie de documentário opinativo sobre a necessidade da mentira na arte - com dinheiro de empresários do petróleo iraniano.

Também despertou inveja em Hollywood quando casou com a musa Rita Hayworth. Como ator, obteve papéis de destaque em "Jane Eyre", "O Terceiro Homem", "O Homem que Não Vendeu sua Alma", entre outros.

Filmografia:

- * Cidadão Kane (1941)
- * Soberba (1942)
- * It's All True (1942)
- * Jornada de Pavor (1942)
- * O Estranho (1946)
- * A Dama de Xangai (1948)
- * Macbeth, Reinado de Sangue (1948)
- * Otelo (1949-52)
- * Grilhões do Passado/Mr. Arkadin (1955)
- * A Marca da Maldade (1958)
- * Don Quixote (1959-71)
- * O Processo (1962)
- * Falstaff (1965)
- * Dead Reckoning ou The Deep (1967-70)

- * A História Imortal (1968)
- * Verdades e Mentiras (1973)
- * The Other Side of the Wind (1974)
- * Filming Othello (1979)

Cidadão Kane

Ninguém mais desconhece que o modelo primordial para o magnata Charles Foster Kane foi William Randolph Hearst, o mais poderoso homem das comunicações nos Estados Unidos na primeira metade do século. Welles, porém, sempre negou que a trama tenha sido baseada na vida de Hearst ou de qualquer outra pessoa. Ele costumava afirmar que seu filme era "um retrato da vida privada de um homem público."

Algumas versões garantem que Hearst teria recebido uma cópia do roteiro, lido e decidido não manifestar opinião pessoal alguma. Mas teria designado a recém-contratada colunista Louella Parsons para ver o filme. Ela cumpriu a missão, assistindo com Welles e dois advogados de seu patrão, a uma projeção especial da RKO. E, ao final, concluiu que o filme era ofensivo ao seu patrão. O magnata, então, teria oferecido US\$ 800 mil - algo equivalente ao custo do filme, para que os negativos fossem destruídos. Mas tudo o que conseguiu foi publicar críticas desfavoráveis em seus jornais.

Em seu lançamento, "Cidadão Kane" teve uma acolhida fria do público e seus produtores arcaram com um prejuízo de US\$ 160 mil. Aos poucos, porém, foi se tornando mais e mais famoso e acabou por render uma bela renda a Orson Welles, a quem cabia pelo contrato a participação em 25% dos lucros.